
A Concepção de Partido Político em Otto Rühle

Mateus Alves*

Otto Rühle (1874-1943) foi um dos representantes do chamado “comunismo de conselhos”. Suas obras são pouco conhecidas, pois foram marginalizadas via hegemonia burguesa e burocrática. Portanto, é necessário resgatá-las em decorrência de seu significado para a emancipação humana, bem como por conta das necessidades das lutas sociais que virão. O presente artigo pretende apresentar sinteticamente apenas um elemento do conjunto de sua obra — sua concepção de partido político¹.

Para isso é fundamental, antes de tudo, compreender melhor sua produção teórica através do contexto social e histórico da época em que estas foram produzidas, o que demonstraremos na primeira parte deste artigo. Num segundo momento, iremos tecer breves considerações acerca de Otto Rühle e o comunismo de conselhos. Na terceira parte do artigo, apresentaremos a concepção de partido político em Otto Rühle.

Capitalismo, Lutas de Classes e Otto Rühle

A historicidade do capitalismo é, em específico, imprescindível para compreender adequadamente a produção intelectual de Otto Rühle, pois sua produção foi determinada pelo seu antagonismo em relação ao movimento da sociedade capitalista. Por conseguinte, “é necessário analisar as características deste [movimento] para compreender o homem em si mesmo” (MATTICK, 2016, p. 1). Isto é, a consciência dos seres humanos (e, portanto, de Rühle) não está apartada das relações sociais que estes estão inseridos. Todavia, isso não significa que a consciência é mero reflexo da realidade, como defende Lênin (1982). Aqueles que defendem a concepção materialista da história,

* Graduando em Ciências Sociais com Habilitação em Políticas Públicas pela Universidade Federal de Goiás. Militante autogestionário e membro do Movimento Autogestionário (Movaut).

¹ A obra de Rühle é bastante vasta, abordando diversos temas, como a revolução burguesa, a revolução proletária (cf.: VIANA, 2012; SOUZA, 2020), sindicatos, psicanálise, conselhos operários, organização revolucionária, a vida e obra de Marx (RÜHLE, 2017), dentre outras.

na verdade,

nunca negaram a influência da mente, nunca ignoraram o poder das ideias, nunca subestimaram a importância do fator mental ou espiritual no curso da história. Ao contrário, ao reconhecer que a história é feita por seres humanos, eles reconheceram nesses seres humanos a importância de todos os atributos humanos, incluindo, portanto, mente, inteligência, consciência e ideias (RÜHLE, 2017, p. 317).

Para retomar a história da sociedade capitalista e a inserção de Rühle nela, deve-se ressaltar primeiramente o que Marx afirmou no *Manifesto Comunista*: “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (MARX, 2007, p. 40). Ao longo da história, ocorre uma sucessão de diferentes modos de produção que, se for baseado em classes sociais, engendram novas lutas entre diferentes classes. Por conseguinte, o modo de produção capitalista - o modo de produção dominante de nossa época - é constituído por relações de produção específicas que o diferencia de todos os outros modos de produção do passado ou que coexistem com ele. Como é também uma sociedade de classes, suas relações de produção geram suas classes fundamentais, bem como a luta entre elas: no caso do capitalismo, o antagonismo entre burgueses e proletários, sendo que o primeiro se apropria de um mais-valor produzido pelo segundo.

A apropriação de mais-valor, pela burguesia, se dá por meio do trabalho excedente não pago dos operários que vai além do que foi gasto pelos capitalistas com capital constante (meios de produção, matérias-primas, ferramentas etc.) e capital variável (salários) (MARX, 1985).

Esse é o segredo da exploração capitalista: a existência do mais-valor só é possível quando o proletariado se encontra completamente separado do resultado do seu trabalho, que passa a ser substituído por um salário equivalente apenas a uma parcela infinitamente menor do que realmente foi produzido. Desta forma, percebe-se que a relação entre capitalista e proletariado é fundada na exploração de uma classe não produtora, mas que se apropria do resultado de trabalho alheio não pago, sobre a classe produtora (BRAGA, 2013, p. 27-28).

A determinação fundamental do modo de produção capitalista é exatamente a extração de mais-valor no processo de produção, isto é, a especificidade do modo de produção capitalista são as suas relações de produção marcadas pela relação entre duas classes específicas (burguesia e proletariado) em torno da produção e apropriação de mais-valor. O proletariado, então, tende a lutar contra sua própria exploração, enquanto a burguesia almeja extrair o máximo de mais-valor dele, tentando aumentar a exploração

do proletariado. E esta extração acaba gerando, ao vender suas mercadorias, lucros para o capitalista, que reinveste parte novamente na produção, gerando uma acumulação de capital, que é o que determina a dinâmica deste modo de produção (VIANA, 2018).

A historicidade do capitalismo é determinada fundamentalmente pela dinâmica da acumulação de capital. Para assegurar, entretanto, a manutenção da extração de mais-valor e da acumulação de capital, torna-se necessário condições específicas para tal, significando a repressão do proletariado e a estabilidade relativa das lutas de classes. Assim é constituído um regime de acumulação que é “uma forma relativamente estabilizada da luta de classes e se expressa em determinada forma de organização do trabalho, determinada forma de organização estatal e determinada forma de relações internacionais” (VIANA, 2009, p. 38).

Além da constituição de um regime de acumulação, a extração de mais-valor e a dinâmica da acumulação de capital fornecem, em decorrência das lutas de classes e da competição entre os capitalistas, outros dois desdobramentos que se reforçam: a luta operária que tende a explodir e ameaçar a existência do modo de produção capitalista; e a taxa declinante da taxa de lucro médio, que produz a necessidade de aumentar ainda mais a exploração (VIANA, 2009). Quando estes dois outros desdobramentos se radicalizam, há uma crise que gera ou um processo revolucionário e abolição do capitalismo ou então ocorre uma mudança no interior do próprio modo de produção capitalista, isto é, uma mudança de regime de acumulação. Pode-se dizer, então, que a história do capitalismo é a sucessão de regimes de acumulação.

As obras de Otto Rühle foram, em sua maioria, produzidas exatamente a partir de uma das crises do capitalismo: a derrocada do regime de acumulação intensivo que “tem seus primeiros sintomas em torno de 1910 (a Revolução Russa de 1905 e novamente em 1917; as tentativas de revolução em outros países europeus, Primeira Guerra Mundial)” (VIANA, 2009, p. 35-36). Essa derrocada do regime de acumulação intensivo gerou a ascensão do movimento operário, constituindo os conselhos operários, bem como aqueles que expressam teoricamente os mesmos: os comunistas de conselhos.

Otto Rühle e o Comunismo de Conselhos

O início da vida política de Rühle se deu através de sua inserção na social-democracia, como quase todos os que futuramente seriam conhecidos como “comunistas de conselhos”. Os partidos social-democratas, por sua vez, foram um produto negativo

da derrota do movimento operário. Este se radicalizou e provocou uma crise do modo de produção capitalista. No entanto, o movimento operário foi reprimido e apenas houve a substituição do regime de acumulação extensivo pelo regime de acumulação intensivo (VIANA, 2009). Apesar da derrota do proletariado revolucionário, a burguesia recuou em certos aspectos, cujo exemplo mais evidente foi a redução da jornada de trabalho e a legalização (reconhecimento estatal) dos sindicatos e dos partidos autodenominados “operários”.

No entanto, esses recuos da burguesia foram compensados: a diminuição da jornada de trabalho e, por conseguinte, da extração do mais-valor absoluto, forçou a burguesia a combatê-la através do aumento da produtividade, instaurando o taylorismo como forma de organização do trabalho, aumentando a extração de mais-valor relativo. Da mesma forma, o reconhecimento estatal dos partidos “operários” e dos sindicatos, bem como a conquista de uma participação mais ampla no processo eleitoral (passagem da democracia censitária para a democracia partidária) forçou a burguesia a limitar, a partir de um maior controle, a participação política do proletariado e das demais classes inferiores através da institucionalização das lutas de classes, efetivada por meio da social-democracia e do Estado liberal-democrático, gerando uma verdadeira onda de burocratização das relações sociais. De acordo com Viana (2009, p. 96),

O Estado liberal-democrático também expressa um recuo do capital, pois o proletariado consegue reconhecimento estatal de sindicatos e partidos, participação no processo eleitoral [...]. No entanto, também neste caso houve uma compensação: a institucionalização das lutas de classes, provocando o seu amortecimento através da cooptação (social-democracia) de setores do proletariado e formação de novas camadas de trabalhadores assalariados improdutivos (burocracia partidária, burocracia sindical etc.).

Otto Rühle participava da social-democracia, inicialmente, através do Partido Social-Democrata Alemão (SPD). Contudo, com a primeira guerra, o apoio deste partido aos créditos de guerra e à defesa de reformas em detrimento da revolução, Otto Rühle rompe com o mesmo, formando o Partido Comunista da Alemanha (KPD) em conjunto com Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Gorter, dentre outros, aglutinando os chamados “socialistas radicais” que faziam oposição à guerra e ações do SPD, ocorrendo, assim, uma ruptura com a social-democracia.

Quando, em 1914, a Social-Democracia Alemã capitulou ao Kaiser e votou a favor dos créditos de guerra, o proletariado de todo o mundo classificou esse

ato como uma vergonhosa traição ao socialismo. Até então, tinha sido uma política estabelecida dos socialistas nos parlamentos a de se oporem às dotações militares. No caso dos créditos de guerra foi dado como certo que os socialistas agiriam de acordo com a política estabelecida. Portanto, quando os socialistas votaram os créditos de guerra, romperam uma tática estabelecida e traíram um princípio estabelecido. Este ato foi generalizadamente condenado e suscitou disputas acaloradas dentro de todo o movimento socialista. Os oportunistas o justificaram com o argumento de que trocavam “canhões por reformas sociais”. Os radicais, por outro lado, instaram a uma luta mais vigorosa contra o governo para transformar a guerra em guerra civil e preparar a luta final – a revolução que se aproximava (RÜHLE, 2019, p. 182).

Com o desenvolvimento do movimento operário e com o avanço dos conselhos operários, , “a forma de autogoverno que substituirá, no futuro, as formas de governo do velho mundo” (PANNEKOEK, 2007, p. 48), principalmente na Rússia, mas também na Alemanha, tanto os partidos social-democratas quanto os bolcheviques revelam mais abertamente seu caráter contrarrevolucionário e seu antagonismo com o proletariado.

A situação do capitalismo e a emergência dos soviets abriram novas possibilidades e o movimento operário passou, em vários lugares, de lutas espontâneas para lutas autônomas e, em alguns casos, lutas autogestionárias. A Revolução Russa de fevereiro de 1917 marcou a passagem de lutas cotidianas para lutas autônomas e autogestionárias, e mesmo com a contrarrevolução burocrática bolchevista se manteve por algum tempo, tal como se observa em diversas lutas, greves etc., que tiveram como último grande momento a Revolução de Kronstadt (VIANA, 2019, p. 142).

Com esta debilidade do capitalismo e a emergência dos conselhos operários, ocorre uma luta cultural e política no intuito de combater posições mais radicais. E, assim, alguns integrantes mais radicais do KPD (Rühle e Gorter são exemplos) são expulsos por meio de uma manobra no interior do mesmo após a morte de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. A maioria do partido é, portanto, expulsa por uma minoria após alguns oportunistas, em disputa com alguns bolcheviques, ganharem uma assembleia (VIANA, 2020).

A formação da AAUD [União Geral dos Trabalhadores da Alemanha] a partir de organizações de fábrica e de Uniões Operárias organizada a nível de empresas e regiões foi acompanhada da expulsão da tendência comunista de esquerda do KPD na segunda metade de 1919 e do seu reagrupamento, pouco depois da formação da AAUD, no Partido Comunista Operário Alemão, o KAPD, em Abril de 1920. A sua expulsão do KPD, parte da estratégia sustentada de Moscou pela recém-formada Internacional para fazer voltar o partido alemão à prática parlamentar e à atividade sindical, foi engendrada pelo Comitê Central sob a orientação dos Spartakistas dirigidos por Paul Levi. [...] A corrente comunista de esquerda expulsa representava quase metade do

número corrente de membros do KPD e a larga maioria da sua presença nos principais centros industriais (SOCIALIST REPRODUCTION, 1975, p. 29)².

Otto Rühle, em relação ao leninismo especificamente, perde suas últimas ilusões por meio da leitura de “Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo” (LÊNIN, 1989) e, por fim, com as vinte e uma condições de adesão à Internacional Comunista³ imposta pelos bolcheviques, que nada mais são que a expressão do combate dos bolcheviques a posições mais radicais, sobretudo, ao marxismo.

O Partido Comunista Alemão, seguindo o exemplo do bolchevismo, continuava um pequeno grupo histórico e barulhento, formado principalmente por elementos proletarizados da burguesia, enquanto que o movimento dos conselhos atraía os elementos mais determinados da classe operária. Para fazer face a esta situação, era preciso reforçar a propaganda bolchevique, era preciso atacar a “ultraesquerda” e modificar a sua influência a favor do bolchevismo.[...] Para se defender, Lênin escreveu o seu panfleto “O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo”, ditado pelo medo de perder o poder e pela indignação perante o sucesso dos históricos. O panfleto apareceu inicialmente sob o título “Ensaio de Exposição Popular da Estratégia e Tática Marxistas”, mas depois esta frase ambiciosa e idiota foi suprimida. Era demais. Esta bula papal, agressiva, grosseira e odiosa, era uma verdadeira benção para qualquer contrarrevolucionário. De todas as declarações programáticas do

² Esta citação, apesar dos problemas, mostra o vínculo entre a ascensão do movimento operário e a luta dos partidos políticos contra essa radicalização. Este exemplo histórico, um entre diversos outros, evidencia o caráter conservador dos partidos políticos. A ilusão, bastante comum, de que se poderia transformar os partidos políticos a partir do seu interior se quebra em pedaços, uma vez que a maioria das pessoas foram expulsas do KPD de forma oportunista exatamente por conta de suas posições mais radicais.

³ Vale lembrar que Otto Rühle rompe primeiramente com a social-democracia. E, um pouco depois, as críticas direcionadas ao bolchevismo - que antes eram sobre estratégia, questões de organizações, parlamentarismo etc - tornam-se mais radicais, culminando em um rompimento total com o leninismo. Isso se dá através da ascensão do movimento operário. No caso específico de Otto Rühle, por exemplo, em 18 de setembro de 1920, num panfleto intitulado “Moscou e Nós” (RÜHLE, 2021), ele qualifica a Rússia como “socialismo político sem base econômica”. Já em 1921, num número da *Die Aktion*, Rühle qualificou a Rússia como “capitalismo de estado”. No entanto, antes mesmo de qualificar a Rússia como um “capitalismo de estado”, Rühle já havia publicado seu “A Revolução Não é Tarefa de Partido” em maio de 1920. Acreditamos que, concretamente, este panfleto de Rühle já é um rompimento com o bolchevismo, social-democracia e os partidos políticos em geral, apesar de ainda ter mantido algumas ilusões em relação ao bolchevismo. O rompimento com o bolchevismo, concreto e formal, foi facilitado por uma viagem que Otto Rühle teve que realizar para a Rússia como delegado do KAPD, em 16 de junho de 1920, possibilitando obter mais informações sobre o bolchevismo, a (contra)revolução de outubro, ter acesso ao panfleto de Lênin supracitado, analisar a situação concreta da Rússia, debater com os principais representantes do bolchevismo etc., percebendo que boa parte das críticas direcionadas aos partidos social-democratas também poderiam ser feitas aos bolcheviques, trazendo algumas especificidades (isso pode ser visto em seu “Relato de Moscou” (RÜHLE, 2017) publicado em setembro de 1920, onde ele narra como foi sua viagem e suas discordâncias com os bolcheviques). O rompimento, que já havia acontecido concretamente, tornou-se também formal no final de 1920, depois da viagem de Rühle. Posteriormente, em 1921, sua crítica assumiu um caráter ainda mais radical ao qualificar a Rússia como um capitalismo de estado. Em 1924, Otto Rühle qualifica a revolução russa como uma revolução burguesa, que substituiu o czarismo por um capitalismo de estado. Em 1939, na revista *Living Marxism*, Otto Rühle identifica alguns elementos comuns entre o bolchevismo e fascismo.

bolchevismo esta é a que revela melhor o seu carácter real. É o bolchevismo posto a nu (RÜHLE, 2017, p. 4).

Sobre as vinte e uma condições para adesão à Internacional Comunista:

Para Otto Rühle estas vinte e uma condições bastavam para destruir as últimas ilusões sobre o regime bolchevique. Estas condições asseguravam ao Executivo da Internacional, isto é aos chefes do partido russo, um controle completo e uma autoridade total sobre todas as seções nacionais da Internacional. Segundo Lênin, não era possível realizar a ditadura a uma escala internacional "sem um partido estritamente disciplinado e centralizado, capaz de conduzir e gerir cada ramo, cada esfera, cada variedade do trabalho político e cultural". Pareceu a Rühle que, por trás da atitude ditatorial de Lenin, havia simplesmente a arrogância do vencedor procurando impor ao mundo os métodos de combate e o tipo de organização que tinham levado os bolcheviques ao poder (MATTICK, 2016, p. 13).

Com a radicalização das lutas de classes, neste caso expresso na experiência revolucionária alemã, os partidos social-democratas e os bolcheviques revelaram abertamente seu caráter conservador e interesses alheios aos do proletariado revolucionário. Por isso, dá-se a expulsão de Rühle e outros do KPD, a escrita das vinte e uma condições de adesão à Internacional, bem como o livro “Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo”, uma vez que estas foram as formas encontradas pela burocracia de lutar contra o proletariado revolucionário e seus representantes intelectuais. É neste contexto social e histórico que surgiu, em 1920, o KAPD (Partido Operário Comunista da Alemanha) do bojo da radicalização das lutas de classes. Rühle redige os estatutos do recém-fundado KAPD estabelecendo, então, que não é um partido propriamente dito e escreve, ao mesmo tempo, “A Revolução Não é Tarefa de Partido” (RÜHLE, 1975a) realizando uma crítica radical aos partidos políticos.

Esse é o marco de fundação do comunismo de conselhos (VIANA, 2020; VIANA, 2019), que é o resgate do marxismo criticando radicalmente a social-democracia e o bolchevismo. Rühle, portanto, rompe com os partidos políticos em geral, elevando-se, agora, como um dos representantes intelectuais do comunismo de conselhos, produto do desdobramento da revolução alemã. Após a derrota do proletariado revolucionário na Alemanha e, assim, da revolução alemã, desenrola-se uma rearticulação do comunismo de conselhos (VIANA, 2020) e produções de diversas obras mais profundas do ponto de vista teórico. Rühle, em específico, escreverá neste período suas obras mais desenvolvidas, destacando aqui: “Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária” (1975b) escrita em 1924 e “Vida e Obra de Karl Marx” (2017) escrito em 1927.

Otto Rühle e a Concepção de Partido Político

Esta breve contextualização histórica nos ajuda a compreender mais facilmente a concepção de Rühle acerca dos partidos políticos. Como dito anteriormente, a partir da percepção clara do caráter conservador e contrarrevolucionário dos partidos políticos - fruto da radicalização do movimento operário -, Otto Rühle inaugura a sua crítica aos mesmos por meio do texto “A Revolução Não é Tarefa de Partido” (RÜHLE, 1975a), escrito no bojo da revolução alemã, resgatando o marxismo autêntico deformado pela social-democracia e pelos bolcheviques. No entanto, a concepção mais acabada sobre os mesmos, do ponto de vista teórico, é desenvolvida por Rühle no livro “Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária” (1975b).

Os partidos políticos estão, para Rühle, intimamente ligados à natureza da revolução burguesa e de seus desdobramentos. A determinação fundamental de uma revolução burguesa é, segundo Rühle, a substituição do feudalismo pelo capitalismo. Com a revolução, a burguesia ergue sobre seu modo de produção um “estado constitucional com parlamento e governo, em sua forma ideal, a república parlamentar” (RÜHLE, 1975b, p. 67). Mesmo quando o proletariado toma parte nesta luta revolucionária da burguesia, até mesmo influenciando “consideravelmente o seu desenvolvimento ou mesmo o controle”, diz Rühle, “nada se altera na natureza dessa revolução” (1975b, p. 68). Se o resultado do processo revolucionário foi a abolição do feudalismo e a instauração do capitalismo, mesmo com participação do proletariado, esta é essencialmente uma revolução burguesa.

No caso da revolução russa, foi exatamente isto que se efetivou. A burguesia se encontrou sem posição para levar a cabo a própria revolução e por isso, a “revolução russa – de acordo com suas condições históricas – só podia ser uma revolução burguesa. Tinha que se ver livre do czarismo, suavizar o caminho do capitalismo e ajudar a burguesia a instalar-se politicamente” (RÜHLE, 1975b, p. 69). A essência burguesa da revolução russa pode ser constatada levando em conta os primeiros atos dos bolcheviques: um tratado que declarava o direito dos países à autodeterminação, constituindo um estado nacional russo, que teria como consequência o impedimento da solidariedade entre o proletariado de outros países, minando, assim, o internacionalismo proletário. E, também, os bolcheviques distribuíram terras aos camponeses, introduzindo a propriedade privada no campo e não sua eliminação. A consequência desta política é

“manifesta na oposição irreconciliável entre campo e cidade, campesinato e proletariado industrial” (RÜHLE, 1975b, p. 71). Estas dentre diversas outras medidas atestam a natureza burguesa da revolução russa.

Instituir o capitalismo e organizar o Estado burguês é a função histórica da revolução burguesa. A Revolução Russa foi e é uma revolução burguesa, nem mais e nem menos: a forte mistura socialista nada altera na sua essência. Portanto, cumprirá a sua tarefa eliminando, mais cedo ou mais tarde, os últimos vestígios do “comunismo de guerra” e revelando a face de um capitalismo real, genuíno (RÜHLE, 1975b, p. 74).

O bolchevismo apenas é um elemento revolucionário no quadro de uma revolução burguesa. Incapaz de realizar o sistema soviético, ele é, por isso mesmo, incapaz de transformar radicalmente a estrutura da sociedade burguesa e a sua economia. Não é o socialismo que instaura, mas sim o capitalismo de Estado. O bolchevismo não é uma etapa de transição que provocaria posteriormente a sociedade socialista. Sem o sistema dos soviets, sem a revolução radical e total dos homens e das coisas, não pode preencher a exigência socialista primordial, que é a de pôr termo à alienação humana engendrada pelo capitalismo (RÜHLE, 2017, p. 13).

A revolução burguesa, além de instituir o modo de produção capitalista, também constitui um estado que corresponde com seus interesses. O estado burguês seria então um instrumento de dominação que garante a reprodução do capitalismo. Para Rühle, o poder do estado está nas mãos da classe burguesa. O estado, portanto, apenas segue a dinâmica das necessidades dessa classe. Da mesma forma que a organização do trabalho nas fábricas é marcada pelo controle, o estado burguês é uma das garantias de que uma minoria controlará a maioria. E para tanto, o parlamento e os partidos políticos emergem também como instrumentos dessa dominação.

Sem desfalecimentos, a burguesia trabalha zelosamente na construção do seu Estado e no desenvolvimento de sua legislação. Para tal, encontrou no Parlamento o instrumento mais eficaz que, por sua vez, encontrou nos partidos políticos os seus órgãos auxiliares (RÜHLE, 1975b, p. 80).

O parlamento, produto da revolução burguesa, surge, num primeiro momento, para Rühle, por causa da necessidade dos capitalistas de reformarem velhas leis ou revogá-las em favor de novas mais adequadas aos seus interesses. Todavia, a burguesia não é uma classe homogênea, pois existe em seu interior diversas frações gerando uma diversidade de interesses. Logo, para melhor atender aos interesses *comuns* de toda burguesia, o parlamento agregaria representantes dessa diversidade de frações. Quanto mais representantes, maior é a chance de seus interesses serem atendidos. E assim,

surtem os partidos políticos que são a expressão da necessidade de um maior rigor e de programas melhor definidos para, através da associação eleitoral, amplificar a angariação de votos, aumentando a possibilidade de terem mais representantes de seus interesses no parlamento. Assim, o estado burguês, o parlamento e os partidos políticos estão intimamente conectados.

O método burguês, isto é, parlamentar, de fazer política está intimamente relacionado com o método econômico burguês. Este método é: comerciar e negociar. Tal como o burguês comercializa e negocia as mercadorias, [...] também no parlamento comercializa e negocia as sanções legislativas e os meios legais para o dinheiro e valores materiais negociados. No parlamento, os representantes de cada partido tentam extrair da legislatura o máximo possível para os seus clientes, o seu grupo de interesses, a sua “firma”. [...] O negócio é feito por meio de discursos, regateio, discussões, contratações, fraudes, manobras de voto, compromissos. O principal trabalho no parlamento é, pois, feito não só nas grandes negociações parlamentares, que são apenas uma espécie de espetáculo, mas nas comissões reunidas em privado e sem a máscara da mentira convencional (RÜHLE, 1975b, p. 85-86).

Segundo Rühle, os partidos políticos, mesmo aqueles que se autointitulam operários, são “organizações burguesas”. Como todas as organizações burguesas, requerem uma burocracia para funcionar, e isso se dá através de uma direção profissional paga.

Todas as organizações burguesas são basicamente organizações administrativas que requerem uma burocracia para funcionar. Assim é o partido, dependente da máquina administrativa servida por uma direção profissional paga. Os leaders são funcionários administrativos e, como tal, pertencem a uma categoria burguesa. Os leaders, isto é, funcionários, são pequeno-burgueses, não proletários” (RÜHLE, 1975b, p. 88).

Os membros que constituem essa direção profissional assalariada são os que verdadeiramente tomam as decisões no interior do partido e estes não conseguem expressar os interesses da classe proletária em decorrência da natureza burguesa do parlamento e do próprio partido político - que reproduzem as relações sociais capitalistas em seu interior -, bem como por conta dos interesses de classes particulares constituídos por esta direção que, em todas as experiências revolucionárias, tentam conter o proletariado em nome de sua própria condição de classe. No interior do partido político existe uma relação entre os “chefes” (direção profissional assalariada) e as “massas” (os dirigidos). Essa relação é a reprodução da divisão social do trabalho, pois enquanto alguns pensam e planejam, outros apenas executam, tolhendo e limitando as “massas”.

Os chefes têm a palavra em primeiro lugar. Falam, prometem, seduzem, comandam. As massas quando estão presentes, encontram-se perante um fato consumado. Têm de pôr-se em formação e marchar alinhados. Têm de acreditar, calar-se e pagar. Têm de receber ordens e instruções e executá-las. Têm de votar. Os chefes querem entrar no parlamento. Têm só que se apresentar às eleições. Depois do que, mantendo-se as massas numa submissão muda e numa passividade devota, são os chefes que fazem alta política no parlamento (RÜHLE 1975a, p. 160).

Não se pode combater o trabalho alienado com mais submissão e controle. Não se pode combater o capitalismo com uma organização limitada ao horizonte burguês, que reproduz, em seu interior, o próprio capitalismo. Sendo assim,

a revolução não é uma tarefa de partido. Os três partidos social-democratas têm a loucura de considerar a revolução como tarefa sua, própria de partido e de proclamar como seu objetivo partidário a vitória da revolução. A revolução é tarefa política e econômica da totalidade da classe proletária. Só o proletariado como classe pode conduzir a revolução à vitória (RÜHLE, 1975a, p. 161).

Todo e qualquer partido que possui como finalidade a revolução, “está a assumir no seu programa muito mais do que é capaz de realizar, seja por ignorância do seu caráter burguês ou por demagogia fraudulenta” (RÜHLE, 1975b, p. 88). E assim, a abolição do modo de produção capitalista, afirma Rühle, vem em conjunto com a abolição do estado, parlamento, sindicatos e dos partidos políticos através da revolução proletária. Em um período revolucionário, “o partido não pode continuar a existir: como membro da sociedade burguesa cairá com ela. Só um charlatão tentaria preservar a mão de morrer quando o corpo está moribundo” (RÜHLE, 1975b, p. 92). A revolução proletária autêntica é, para Rühle, a abolição do modo de produção capitalista em prol de um modo de produção comunista, isto é, um modo de produção cujas relações de produção são marcadas pelo autogoverno dos produtores (RÜHLE, 1975b) e não mais entre burguesia e proletariado. Portanto, a revolução proletária é radicalmente diferente da revolução burguesa e, para alcançá-la, o proletariado necessita de seus próprios meios.

No comunismo, não existirá exploração do trabalho ou trabalho alienado e, por conseguinte, tudo aquilo que é gerado para sua reprodução, tais como o estado burguês, parlamento, partidos políticos ou sindicatos, igualmente não existirá. Os partidos políticos intimamente conectados ao estado burguês, marcados por uma “direção profissional paga”, não é uma organização adequada para efetivar a revolução proletária, mas, pelo contrário, são organizações que se colocam como antagônicas à mesma e, assim, “a revolução proletária não tem nada a ver com partidos nem sindicatos, mas é

obra de toda a classe operária” (RÜHLE, 1975b, p. 133). Todavia, isso não significa que Rühle nega toda forma de organização. Na verdade, ele nega as “organizações burguesas” como meios adequados para a transformação social radical; e reafirma a necessidade de uma organização que corresponda com os interesses históricos da classe operária e com as necessidades da revolução proletária. Para Rühle, essa organização é o sistema de conselhos:

Os sistemas de conselhos são a organização do proletariado correspondente à natureza da luta de classes, como da futura sociedade comunista. Se Marx disse que a classe operária não podia simplesmente tomar a máquina governamental do Estado capitalista mas tem que encontrar a sua própria forma para realizar a tarefa revolucionária, este problema resolve-se na organização dos conselhos (RÜHLE, 1975b, p. 121).

A sua crítica aos partidos políticos aponta, portanto, para a afirmação da necessidade da classe operária constituir suas próprias organizações seguindo o princípio da autoemancipação proletária.

Uma seção do proletariado começou, portanto, a orientar-se para novos pontos de vista e por fim também a organizar-se. Reconhecendo que: a revolução proletária é completamente diferente no seu caráter da revolução burguesa. A revolução proletária é, em primeiro lugar, uma questão econômica. Pela revolução proletária não se pode lutar em organizações burguesas, só em organizações proletárias. A revolução proletária tem que desenvolver as suas próprias táticas de luta. A consequência destas conclusões foi o afastamento decisivo do partido, do parlamento, do sindicato e de tudo que se relaciona com eles (RÜHLE, 1975b, p. 107)⁴.

Por fim, conclui-se que a concepção de partido político em Otto Rühle é de crítica *radical*, qualificando-os como *organizações burguesas* aptas apenas para satisfazerem interesses burgueses e, assim, são antagônicos aos interesses históricos do proletariado. A concepção de Rühle acerca dos partidos políticos significa, por conseguinte, uma atualização do marxismo a partir dos novos desdobramentos do capitalismo.

Considerações Finais

⁴ Pode-se perceber um equívoco de Rühle ao afirmar que a revolução proletária é, em primeiro lugar, uma questão econômica (uma crítica a este equívoco pode ser vista em Viana (2012)). Igualmente, outro equívoco, é a utilização da palavra “economia”, que pode gerar confusões. No entanto, o grande mérito dele é quando destaca que a revolução proletária é radicalmente diferente da revolução burguesa e, por isso, ela exige seus próprios meios de luta. Os meios e os fins são, portanto, uma unidade.

A concepção de partido político em Otto Rühle é, ainda hoje, atual, pois sua concepção é um pontapé inicial para a superação concreta de fenômenos que ainda existem, tais como os partidos políticos, o leninismo, social-democracia, etc. Sua concepção nos fornece a chave-mestra que abre todas as portas estampadas com os interesses declarados e falsos dos partidos políticos e que ocultam seus interesses reais. Longe de “representar” os interesses da população, dos trabalhadores, da nação etc, estas organizações se interessam pela reprodução do capitalismo, pelo amortecimento das lutas de classes, pelo poder do estado, pelo controle, submissão e repressão do proletariado.

Rühle nos ajuda a compreender também que a revolução proletária é radicalmente diferente da revolução burguesa. Portanto, é necessário que o proletariado adquira seus próprios meios de luta contra a burguesia e não utilize organizações que reproduzem a sociedade burguesa, como os sindicatos e partidos políticos, que são capazes apenas de chegar, no máximo, em um “capitalismo reformado” e não numa sociedade radicalmente diferente - a sociedade autogerida. Devemos, no entanto, realizar um apontamento acerca de sua concepção de partido político.

Otto Rühle afirma que aqueles que pertencem ao quadro dirigente dos partidos políticos – *os leaders* – são pequeno-burgueses. “Os leaders são funcionários administrativos e, como tal, pertencem a uma categoria burguesa. Os leaders, isto é, funcionários, são pequeno-burgueses, não proletários” (RÜHLE, 1975b, p. 88). No entanto, acreditamos que o quadro dirigente dos partidos políticos pertence a uma classe social específica – a burocracia, mais especificamente a fração partidária desta classe.

O que caracteriza a burguesia, fundamentalmente, é a apropriação de mais-valor no processo de produção. O termo “pequeno-burguês” apontaria para a classe burguesa. No entanto, os dirigentes presentes nos partidos políticos não extraem mais-valor e, por conseguinte, ocupam outra posição na divisão social do trabalho. Acreditamos que Otto Rühle utilizou o termo “pequeno-burguês” para indicar que estes dirigentes são auxiliares da burguesia e possuem uma mentalidade burguesa. Então, o que seria a classe burocrática?

O conceito geral de burocracia é o de uma organização que é comandada por um quadro dirigente, que constitui a classe burocrática. Assim, temos a burocracia como forma organizacional e como classe social. A organização burocrática é composta por um quadro dirigente (o que pressupõe a existência

de dirigidos e a relação social entre dirigentes e dirigidos), a legitimação via normas escritas, funcionamento através de meios formais de admissão e relações hierárquicas, quadro dirigente (a burocracia como classe) assalariado que possui posse dos meios de administração e poder de decisão, cujo objetivo é garantir o controle social. A burocracia como classe social constitui o quadro dirigente hierarquicamente organizado nas instituições (organizações burocráticas) (VIANA, 2018, p. 19).

Portanto, podemos perceber que Otto Rühle identificou vários elementos das organizações burocráticas, tais como a existência de uma relação entre dirigentes e dirigidos (usando o termo “chefes” e “massas” em alguns momentos, bem como *leaders*, direção), de um quadro dirigente assalariado (Rühle utiliza “direção profissional paga”), e o controle exercido por estas organizações. No entanto, apesar de estar em seu campo perceptivo, Rühle não percebeu claramente que este quadro dirigente assalariado constituía uma fração da classe burocrática – a burocracia partidária. Por conseguinte, existe tanto uma forma de organização burocrática, bem como a classe social burocrática que é composta pelos quadros dirigentes assalariados das organizações burocráticas. A burocracia como classe social possui interesses comuns, modo de vida comum e luta comum contra outras classes sociais e tudo isto é derivado da posição específica que os indivíduos dessa classe ocupam na divisão social do trabalho. O modo de vida da burocracia é burocrático,

marcado pelo dirigismo, formalismo, tecnicismo, regras escritas, hierarquia, normativismo, controle. O burocrata vive para dirigir as organizações da qual faz parte. A sua função é exercer o controle para reproduzir a organização e os objetivos desta, mesmo quando tal objetivo é a própria autorreprodução (VIANA, 2018, p. 20).

Já o interesse *comum* da burocracia é a burocratização, o que significa aumentar os cargos disponíveis, bem como o controle exercido por ela, isto é, os interesses da burocracia é sua autorreprodução e sua ampliação. Estes interesses da burocracia encontram obstáculos, gerando a necessidade de uma luta comum da burocracia contra estes.

A burocracia busca concretizar seus interesses e para isso encontra o obstáculo de outras classes sociais e dos dirigidos. Assim, a burocracia efetiva uma luta comum com outras classes e grupos: os dirigidos em geral, que variam de acordo com a organização. O fundamental é a luta contra outras classes. A burocracia estatal pode ir contra os interesses da burguesia ao criar excesso de cargos e aumentar a despesa pública, bem como aumentar a corrupção, etc. ao invés de investir onde é interesse do capital ou então quando congela os

salários e entra em conflitos com as classes trabalhadoras (proletariado, subalternos, etc.). O aumento do controle pode gerar a insatisfação e resistência dos dirigidos, tal como no caso de fábrica capitalista na qual se aumenta o controle dos operários, que tendem a resistir e entrar em confronto com a burocracia empresarial (VIANA, 2018, p. 20).

Desta forma, Otto Rühle contribuiu enormemente para a compreensão dos partidos políticos e colocou a burocracia partidária no campo perceptivo do marxismo, significando uma atualização do pensamento marxista. O que lhe faltou foi uma percepção mais clara da burocracia não apenas como uma forma de organização, mas também como uma classe social específica que surge com a complexa divisão social do trabalho da sociedade capitalista.

O estado burguês, o parlamento, os sindicatos e os partidos políticos emergem para reproduzir o capitalismo. Da mesma forma, isto é verdadeiro para aqueles partidos que se autointitulam “operários”, “comunistas”, “trabalhadores”, “de esquerda” etc, que declaram como seu objetivo a emancipação humana. E tudo isto foi percebido por Rühle em um momento histórico que os partidos políticos, a democracia partidária, bem como o bolchevismo e a contrarrevolução burocrática eram fenômenos relativamente novos. Aí reside o grande mérito da concepção de Rühle e a vivacidade do marxismo.

Referências

BRAGA, Lisandro. *Classe em Farrapos*. Acumulação integral e expansão do lumpemproletariado. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

LÊNIN, Vladimir. *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. 6ª edição, São Paulo: Global, 1989.

MARX, Karl. *Manifesto Comunista*. 5ª edição. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol 2, 2ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MATTICK, Paul. *Otto Rühle e o movimento operário alemão – Parte I*. Novos Rumos. São Paulo, v. 53, n. 1, p. 3-22, 2016.

PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Florianópolis: Barba Ruiva, 2007.

RÜHLE, Otto. A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta contra o Bolchevismo. *Marxismo e Autogestão*, ano 4, num. 7, 2017.

RÜHLE, Otto. A Revolução não é Tarefa de Partido. In: AUTHIER, Denis (org.). *A Esquerda Alemã (1918-1921)*. “Doença Infantil ou Revolução?”. Porto: Afrontamento, 1975a.

RÜHLE, Otto. *Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária*. Porto: Publicações Escorpião, 1975b.

RÜHLE, Otto. *Karl Marx: His Life and Works*. New York: The Viking Press, 1929. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/ruhle/1928/marx/index.htm>.

RÜHLE, Otto. Moscou e Nós. *Crítica Desapiedada*, 2021. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2021/03/16/moscou-e-nos-otto-ruhle/>.

RÜHLE, Otto. Qual Posição Tomar? *Enfrentamento*, ano 14, n. 24, 2019.

RÜHLE, Otto. Relato de Moscou. *Passa Palavra*, 2017. Disponível em: <https://passapalavra.info/2017/12/117157/>.

SOCIALIST REPRODUCTION. Sobre As origens e Infância da Política Revolucionária do Proletariado. O Comunismo de Esquerda na Alemanha de 19145 a 1923. In: RÜHLE, Otto. *Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária*. Porto: Publicações Escorpião, 1975.

SOUZA, Erisvaldo. Sobre a Concepção de Revolução em Otto Rühle e o Papel Contrarrevolucionário do Partido Político. *Enfrentamento*, ano 15, N. 16, agosto, 2020.

VIANA, Nildo. *A mercantilização das relações sociais: modo de produção capitalista e formas sociais burguesas*. Curitiba: Appris, 2018.

VIANA, Nildo. A Teoria da Revolução Proletária em Otto Rühle. *Enfrentamento*, ano 7, n. 11, jan./jun., 2012.

VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Editora Santuário, 2009.

VIANA, Nildo. O Significado Histórico da Burocracia. *Enfrentamento*, ano 13, n. 23, jan./jun.2018. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/renf/article/view/354/315>.

VIANA, Nildo. *Sobre a Origem e Significado do Comunismo de Conselhos*. Goiânia:

Edições Enfrentamento, 2020.